

O TRABALHO COLETIVO, COOPERATIVO E SOLIDÁRIO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM PRINCÍPIO PEDAGÓGICO E UM FATOR DESENCADEADOR DO BEM-ESTAR DOS PROFESSORES.

FLORIANÓPOLIS-SC- MAIO /2009

Sueli Wolff Weber –Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC,
suelibedep@yahoo.com.br

F-Pesquisa e Avaliação

3-Educação Universitária

A-Relatório de Pesquisa

1-Investigação Científica

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões e resultados de uma pesquisa que resultou na tese de Doutorado intitulada “Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o Mal-Estar e Bem-Estar dos professores que trabalham com EaD” que buscou investigar fatores determinantes do mal-estar e/ou bem estar dos docentes do Curso de Pedagogia na Modalidade de Educação a Distância, desenvolvido pela Universidade Estadual de Santa Catarina-UDESC, no período 1999 a 2005, que possibilitou o acesso ao ensino superior de 14.000 professores de Séries Iniciais e de Educação Infantil. Nele são abordadas as categorias: o bem-estar na docência em EaD, o mal-estar na docência em EaD, o trabalho coletivo, cooperativo e solidário na EaD, a infraestrutura organizacional da EaD da UDESC. O referencial teórico abrange os estudos sobre mal-estar e bem-estar na docência de Esteve, educador espanhol; de Jesus, educador português e Mosquera e Stobäus, educadores brasileiros.

Dentre os indicadores do mal-estar/bem-estar na docência, o presente artigo procura apenas destacar para reflexão o trabalho coletivo, cooperativo e solidário, como fator relevante para desencadear o bem-estar no “animus” dos docentes de EaD.

Palavras-chave: Mal-Estar. Bem-Estar. Educação Presencial. Educação a Distância. Docência a Distância.

1- Introdução

Nas últimas décadas, os estudos sobre o trabalho docente têm revelado que muitos professores, em qualquer grau de educação em que estejam atuando, manifestam-se infelizes com a profissão. Envolto numa rotina desgastante, desenvolvendo uma longa jornada de trabalho, ministrando suas aulas em várias escolas, em múltiplos turnos, esses docentes vêm demonstrando claros sinais de cansaço, desmotivação e desinteresse. Parece não encontrarem mais sentido e significado no exercício da docência.

No ensino superior e presencial, a situação não é muito diferente.

Na realidade, o que se vê ultimamente são professores e alunos vivendo processos desgastantes em relação ao afeto, ao respeito mútuo. A falta de sensibilidade a cada dia se torna mais ausente nos indivíduos,. Este quadro revela o desencanto do professor para com a docência e o desencanto dos alunos para com os professores e a forma como eles ensinam.

Vários estudiosos e órgãos que cuidam da Educação apontam que os professores estão vivenciando uma realidade bastante difícil, com repercussões na saúde física e mental de muitos deles, o que se confirma no elevado número de licenças para tratamento de saúde, no absentismo, no abandono do magistério.

Estresse, depressão, ansiedade são alguns dos sintomas apontados pelas pesquisas realizadas junto aos professores dos diferentes níveis de ensino, em diversos países desenvolvidos e subdesenvolvidos do Mundo.

Esteve [1], educador espanhol; Jesus [2], educador português; Mosquera e Stobäus [3], educadores brasileiros indicam que a situação atual dos professores nos diferentes países do mundo Ocidental, incluindo o Brasil, é bastante preocupante, exigindo soluções imediatas para se evitar que os problemas educacionais aumentem e inviabilizem uma educação de qualidade. Esteve[1], por exemplo, atribui a atual situação dos docentes como sendo de “mal-estar” e explica que ela é provocada por múltiplos problemas, tais como as condições inadequadas de trabalho, o trabalho solitário, a violência nas instituições escolares e outros que afetam a vida pessoal e profissional do docente, tornando o exercício da docência quase que impossível.

Mosquera e Stobäus [3] observam que outra realidade social se configurou e vem se modificando aceleradamente, exigindo mudanças na educação e na prática docente.

Evidentemente, que todo esse quadro desalentador decorre de múltiplos problemas educacionais, enraizados já, há décadas na Educação, problemas que se não forem solucionados em breve espaço de tempo, não permitem vislumbrar mudanças e nem a alcançar a tão almejada e necessária inovação educacional.

Trata-se, sem dúvidas, de um problema que exige uma atenção qualificada dos governantes e dos responsáveis pela Educação, para com os professores dos diferentes níveis de ensino, pois, nenhum professor poderá exercer bem o seu trabalho, se essa situação desalentadora continuar presente no magistério. Embora haja um quadro de insatisfação profissional com a docência, não se pode ignorar que existem professores que se sentem felizes e satisfeitos, ou usando uma expressão de Jesus [2], é possível vivenciar o “bem-estar” e a satisfação profissional entre professores”. Foi isto que a nossa pesquisa de doutorado evidenciou nos professores que atuaram no Curso de Pedagogia desenvolvido na Modalidade a Distância pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC.

Os professores, aqui estamos nos referindo aos de EaD, quando questionados quanto ao sentir prazer ou desprazer no exercício da docência em EaD, revelaram que as sensações de bem-estar e satisfação profissional foram mais presentes, intensas e significativas do que aquelas vividas na docência presencial.

Dentre os indicadores de bem-estar e satisfação profissional na docência em EaD, o que mais se destacou nas falas dos docentes foi o trabalho coletivo, cooperativo e solidário. O trabalho docente, desenvolvido de forma coletiva e cooperativa na EaD, foi considerado pelos docentes como condição *sine qua non* para a operacionalização da docência, para assegurar a qualidade da ação educativa e uma vivência saudável, harmoniosa, prazerosa e de bem-estar e satisfação profissional.

2- O Trabalho Coletivo, Cooperativo e Solidário na EaD: Fator Desencadeador do Bem-Estar dos Professores.

Sabe-se que existem muitas reações adversas dos professores do ensino presencial ao trabalho coletivo e cooperativo, principalmente, no ensino superior onde predomina em muitas instituições universitárias, a cultura do individualismo.

Os professores universitários, como afirma Zabalza [4],

têm uma forte tendência a construir sua identidade e a desenvolver seu trabalho de forma individual, ao ponto de essa ser uma das características principais da universidade, ou seja, algo com que temos de contar, ao menos inicialmente, para qualquer tipo de projeto de crescimento.

Uma “burocracia profissional”, a qual é constituída por especialistas que trabalham de maneira isolada, em uma espécie de célula fechada e autônoma, é assim definida a universidade por Maassen e Potman, apontados por Zabalza [4].

Há, portanto, no ensino presencial superior, segundo Zabalza [4], um predomínio da ação individual sobre a coletiva, com os professores vivenciando intensamente a autonomia ideológica, científica, didática, cada qual agindo conforme seus desejos.

De fato, em nenhuma instituição, o individualismo se instalou tão decisiva e profundamente quanto nas instituições de ensino superior. Enquanto os cientistas em seus laboratórios tornam seus trabalhos cada vez mais próximos, a ponto de criarem interciências, a exemplo da Biofísica, da Engenharia Molecular e outras, no âmbito pedagógico, o diálogo entre os professores é cada vez mais difícil.

Contribui para isso, evidentemente, a formação fragmentada que o professor recebeu, e se junta a ela, o modelo industrial de divisão do trabalho que penetrou na escola e determinou um ambiente nada propício ao trabalho coletivo e cooperativo.

Considerando, pois, que a realidade educativa é um todo e não a soma de partes, que a educação e a prática pedagógica apresentam-se sempre como situações de grande complexidade, torna-se impossível se dar conta dessa complexidade, com uma visão fragmentada, especializada, da instituição e do professor. Parece, pois, necessário, que se criem caminhos mais apropriados que favoreçam a mudança de olhar - institucional e do professor-, no sentido de superar o isolacionismo em que ambos se encontram, por um olhar que

contemple o coletivo, a construção da cultura colaborativa e de equipe, que se entenda que este é o caminho mais promissor para se alcançar um bom desempenho e conseqüentemente, para se constituir as condições necessárias, para aumentar o bem-estar do docente no exercício da ação educativa e pedagógica.

Neste sentido, entende-se que toda e qualquer proposta curricular só será bem sucedida, se levada em conta a Educação como uma prática coletiva e cooperativa, uma vez que ela se constitui pelas relações que se estabelecem entre sujeitos, entre professores e alunos, constituídos como aprendizes e ensinantes. Como um processo de convivência, em que cada qual ensina e aprende, como um processo colaborativo, cooperativo que atende a uma necessidade do ser humano de ação solidária, dada a sua dependência, a sua insuficiência do agir individualizado para a satisfação de suas necessidades.

Assim, conforme pontua Andrioli [5],

o fundamental portanto, é a criação de espaços de vivência da cooperação. Ao invés do estímulo à competição, à concorrência e ao individualismo, o esforço dos educadores com o trabalho cooperativo nas escolas é a construção de experiências de solidariedade, de socialização, de exercício da criatividade em grupo.

A cooperação engloba o trabalho coletivo simultâneo, visando a alcançar um objetivo comum cuja realização exige: respeito mútuo, atitude tolerante, aceitação de diferenças, relações não-hierárquicas e negociação constante. Sobre este aspecto, Lins [6] afirma que o alcance de objetivos comuns depende de “quão sólidas sejam as parcerias que por sua vez dependem do desenvolvimento da interdependência”, esta se constituindo e se fortalecendo, pelo respeito mútuo, a aprendizagem em conjunto e a troca de experiência. A interdependência, explicada por Lins [6] é “uma espécie de encantamento com a troca mútua de experiências, que amplifica o valor de tudo que é feito em conjunto”.

Este *encantamento* expressa, entendemos, o sentido do Bem-Estar e da satisfação do professor na EaD. Ele é, pois, a expressão do prazer, é a alegria, o sentir-se competente e comprometido em fazer seu trabalho da melhor maneira possível, tendo em vista, também, o Bem-Estar do outro, de seus colegas e de seus alunos. Expressa-se na solidariedade, que se constitui

pelos mesmos sonhos e valores universais que criam a possibilidade de “comunhão”.

A fala de um dos professores entrevistados revela esse encantamento.

(P11), “trabalhar em equipe na EaD foi uma experiência enriquecedora que me trouxe o exercício mais efetivo da solidariedade no ato educacional e um grande entusiasmo face à necessidade de estar em constante busca pelo conhecimento e às exigências comunicacionais crescentes entre as pessoas” Também, as falas de outros professores destacam, o valor do trabalho coletivo e colaborativo, quando se dizem “motivados pelo dinamismo, entusiasmo e alegria e a cooperação entre os diversos setores do CEAD”. (Centro de Educação a Distância)

Constata-se pelas falas desses professores que a docência na EaD foi tecida por um clima de agradável convivência, por um encantamento, por uma sinergia e pela magia da realização coletiva. É perceptível nos depoimentos que na EaD foi possível a realização da docência coletiva e que esta assegurou que desenvolvessem o trabalho docente com mais qualidade do que o até então desenvolvido no ensino presencial. Embora, aprendizes do fazer coletivo e cooperativo, manifestaram o quanto foi significativo para o grupo esse aprendizado.

Esse clima, esse encantamento, revelado pelos professores e que tivemos oportunidade de constatar no cotidiano do trabalho, como integrante do grupo, pensamos que foi fundamental para o sucesso do Curso de Pedagogia a Distância, e cremos, também, que é um fator determinante para o sucesso de qualquer proposta educativa, quer seja desenvolvida presencial, quer seja à distância.

Foi possível identificar nas falas e na prática docente uma mudança na cultura profissional dos professores da EaD. De professores individualizados, passaram a professores coletivos. Ocorreu, pela docência na EaD, uma mudança fundamental na “cultura profissional dos professores”, o que os afastou do individualismo, e o fez se sentirem membro de um grupo de formadores e de uma instituição que desenvolve um plano de formação. Zabalza [4]

Neste sentido, essa mudança de cultura do professor foi possível, porque também, se efetivou na instituição a mudança de olhar sobre a docência na

EaD, assegurando aos professores as condições adequadas para bem desempenharem o trabalho docente.

A docência na EaD foi, portanto, configurada pela ação coletiva, cooperativa e solidária, num processo que atingiu não só os professores, mas todos aqueles comprometidos com a ação educacional à distância da Instituição.

Neste sentido, o que se extrai dos depoimentos dos professores é o quanto isto foi significativo para desenvolvimento pessoal e profissional deles, para o envolvimento com o grupo de trabalho pedagógico e técnico-administrativo, para o diálogo com seus pares, para o planejamento e desenvolvimento das atividades em conjunto, para a transgressão das fronteiras de sua disciplina, para a ruptura com a ordem tradicional do caminho individual, muitas vezes até concorrencial, que favorece o isolamento e a solidão, que desampara o professor, impedindo a transformação.

Esses professores perceberam na trajetória coletiva que vivenciam na EaD, que somente uma proposta de trabalho com algum eixo comum que potencialize a integração e a continuidade das ações é viável para o desenvolvimento da educação a distância. Como eles próprios disseram: o trabalho coletivo foi realmente um grande desafio, aprendi muito com conversas, trocas, reuniões de equipes e coletivas". (P15); Parece-me que o grupo constantemente experienciou o aprender-aprender, pois, tudo era novo, diferente do cotidiano de rotina da docência presencial. (P3); Foi uma experiência enriquecedora que me trouxe o exercício mais efetivo da solidariedade no ato educacional e um grande entusiasmo face à necessidade de estar em constante busca pelo conhecimento e às exigências comunicacionais crescentes entre as pessoas. (P11)

Também na fala do professor (P14), o valor do trabalho em equipe se manifesta, quando observa que, "sua maior motivação era perceber que a grande maioria participava com dinamismo, entusiasmo e alegria na construção coletiva de algo novo em que todos acreditavam. Havia a cooperação entre os diversos setores e a vontade de acertar permeava o dia a dia, mesmo, porque a magnitude do projeto exigia uma participação efetiva e um trabalho cooperativo".

Os professores revelam através de suas falas o momento de transformação, de ruptura com a prática docente individualizada, rumo à construção de uma

nova profissionalidade docente, engendrada num movimento coletivo, de compartilhamento de saberes e ações. Um processo de construção coletivo, que implicou num processo de participação e de transformação pessoal e profissional. Um processo interpessoal que se transforma num processo intrapessoal, pelas trocas cognitivas que envolveu, que além do conhecimento, se constituiu um processo de reflexão, dinâmico, metacognitivo.

Assim, se expressa o professor (P4), “a faceta mais importante da docência em EaD é a partilha de planejamento e execução das atividades e, sobretudo das avaliações com outros docentes, coisa inexistente no presencial”.

E como diz o professor (P6), “aprendizado, sob todos os aspectos. Trabalhar em equipe, pensar em equipe, escrever em equipe, ministrar aulas em equipe compuseram um conjunto de fatores que me fez negociar, todo o tempo, posicionamentos teóricos e epistemológicos, me desafiou a construir outras formas de lidar com o ser humano e me fez amadurecer no sentido de aprender a me filiar as idéias e não a pessoas”.

Percebe-se, pois, nos depoimentos que, na EaD, os professores tiveram um espaço de construção coletiva, onde novas formas de saber, de fazer e de ser foram se constituindo numa caminhada em direção ao novo, alicerçada em valores como a interatividade, a cooperação e a afetividade, que “significou e ainda significa enriquecimento para a prática, possibilidade de reflexão, aquisição de mais conhecimentos e fortalecimento da própria modalidade”.

Revelam que experimentaram formas de trabalho mais complexas e desafiadoras do que as atividades até então desenvolvidas no ensino presencial. Que tiveram dificuldades, mas estas foram gradativas e mais facilmente superadas pelo trabalho coletivo, cooperativo e solidário, pela oportunidade de partilhar conhecimentos e experiências, tendo sido esse partilhar bastante motivador, embora não tenha sido uma tarefa fácil, pois, exigiu de todos um intenso ritmo de trabalho, eficiência, autonomia e a superação de uma concepção e prática de ensino individualista. Pelos seus relatos, demonstraram que apreenderam e aprenderam a lidar com a complexidade da docência na modalidade à distância. Aprenderam a ser professor, no exercício da prática docente, sentiram medo, angústia, mas sentiram também o prazer de aprender, sentiram alegria ao identificarem-se como professores com capacidade de produção.

Nessa travessia do presencial para a Educação a Distância, perceberam que a atividade docente implicou mudanças significativas que alteraram o papel e a identidade profissional do professor. Vivenciaram, assim, a sua transformação e a transformação do cotidiano de seu trabalho. Vivenciaram o Bem-Estar docente, emanado do trabalho coletivo, cooperativo e solidário.

3- **Considerações Finais**

Como revelam os múltiplos olhares, a docência na EaD foi uma experiência extremamente significativa que oportunizou o crescimento pessoal e profissional, a vivência de uma prática pedagógica crítico-reflexiva que requereu de todos os envolvidos uma verdadeira e profunda revisão de suas posturas frente à realidade. Os professores identificam a docência na EaD como um espaço de construção-transformação, no qual foram se constituindo e (re) constituindo-se pela ação e reflexão, superando dificuldades, ousando, tecendo novos saberes e práticas, novas construções teóricas que lhes permitiram a intervenção num cotidiano que se mostrou intensamente desafiador, muito diferente das experiências até então tidas como docentes no ensino presencial.

Um espaço de criação, recriação, prazeroso, desafiador, instigante que desacomodou práticas já estabelecidas em direção ao novo, na busca de realizações mútuas, criativas e cooperativas, em um ambiente de muita alegria e bem-estar, no qual revelaram-se como sujeitos ativos, críticos, contrapondo-se ao sujeito passivo das práticas tradicionais centradas no professor, da transmissão de conteúdos, do professor que age como repassador de conhecimentos produzidos por outros. Foram, portanto, autores e co-autores de um processo educativo e não, apenas, executores de propostas definidas por outros.

Conclui-se, assim, que o espaço de construção coletiva é condição necessária para o professor desenvolver novas formas de saber, de fazer e de ser, portanto, que a mudança do professor passa pela compreensão de que construir-se como um professor mediador, quer seja na EaD, ou na Educação presencial, passa pela superação do individualismo, do isolacionismo que condiciona e dificulta o exercício de uma prática docente mediadora.

Por fim, acreditamos ser possível afirmar que a satisfação profissional, o sentir-se bem na profissão resulta de uma força motriz que emana do trabalho coletivo e solidário, ou seja, o bem estar docente resulta da ação coletiva. Em outras palavras, é a ação coletiva e cooperativa que determina o bem estar, o prazer, o sentir-se responsável pelo outro e pela ação que o outro realiza. É saber que a ação que o outro executa está imbricada na ação que cada um faz no grupo. Ou seja, há uma responsabilidade pactuada em palavras ou no espírito de cada um, gerando a confiança que impõe o avanço mesmo diante de dificuldades ou temores. É a ação coletiva que faz com que um objetivo tenha o significado de ser alcançado, e quando este objetivo é humano, a ação adquire um significado ainda maior e fortalece, ou melhor, eu diria amarra as pessoas com um matiz de solidariedade que provoca a satisfação profissional e pessoal. As pessoas ficam iluminadas profissionalmente e espiritualmente. E, é aí que mora o bem estar docente.

REFERÊNCIAS.

- [1] J.M. Esteve. El malestar docente. Barcelona- Buenos Aires- México: Ediciones Paidós, 1994.
- [2] S.N. de Jesus. Professor sem stress: realização e bem-estar docente. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- [3] J. J. M. Mosquera, C. D. Stobäus. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização na Universidade. In A docência na educação superior: sete olhares. ENRICONE, Délcia (org.), Porto Alegre; Evangraf, 2006.
- [4] ZABALZA, Miguel A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- [5] A.I. Andrioli. Trabalho Coletivo e Educação: um estudo das práticas cooperativas do PCE-Programa de Cooperativismo nas Escolas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- [6] LINS, Sergio. Sinergia: fator de sucesso nas realizações humanas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

